



SEÇÃO: ESTÉTICA

## **Das Unheimliche: Freud e a hesitação estética**

*Das Unheimliche: Freud and the aesthetic hesitation*

*Das Unheimliche: Freud y la vacilación estética*

**Marcelo Leandro dos Santos<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0002-1410-9440](https://orcid.org/0000-0002-1410-9440)  
[marcelolean.s@gmail.com](mailto:marcelolean.s@gmail.com)

**Recebido em:** 2 fev. 2020.

**Aprovado em:** 29 abr. 2020.

**Publicado em:** 28 jul. 2020.

**Resumo:** Este artigo disserta sobre alguns pontos presentes no texto *Das Unheimliche* (1919), de Sigmund Freud. A partir de uma meta-análise filosófica, procura-se explicitar as intenções não aparentes de Freud com sua análise do termo *Unheimliche*. Determinadas particularidades da abordagem freudiana são observadas desvendando relações estéticas na construção de sentido do espírito próprio da psicanálise. Uma eventual aproximação dialética com a Teoria Crítica ajudará a identificar, nesse jogo de relações, a importância de conteúdos marginalizados pela história do conhecimento que são revitalizados por Freud.

**Palavras-chave:** Inquietante. Estética. Psicanálise. Teoria Crítica.

**Abstract:** This article discusses some elements present in the text *Das Unheimliche* (1919), by Sigmund Freud. As from a philosophical meta-analysis, we seek to make explicit Freud's non-apparent intentions with his analysis of the term *Unheimliche*. Certain particularities of the Freudian approach are observed with unveiling aesthetic relationships in the construction of meaning in the spirit of psychoanalysis. An eventual dialectical approach to Critical Theory will help to identify, in this set of relations, the importance of contents marginalized by the history of knowledge that are revitalized by Freud.

**Keywords:** Uncanny. Aesthetics. Psychoanalysis. Critical Theory.

**Resumen:** Este artículo analiza algunos puntos presentes en el texto *Das Unheimliche* (1919), de Sigmund Freud. A partir de un metanálisis filosófico, buscamos hacer explícitas las intenciones no aparentes de Freud con su análisis del término *Unheimliche*. Ciertas particularidades del enfoque freudiano se observan al revelar relaciones estéticas en la construcción del significado en el espíritu del psicoanálisis. Un enfoque dialéctico eventual a la Teoría Crítica ayudará a identificar, en este juego de relaciones, la importancia de los contenidos marginados por la historia del conocimiento que Freud revitaliza.

**Palabras clave:** Extraño. Estética. Psicoanálisis. Teoría Crítica.

*"E não me surpreenderia se a psicanálise, ocupando-se em desvendar tais forças secretas, por isso mesmo se tornasse inquietante para muitas pessoas."*

(Sigmund Freud)



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> Universidade do Vale do Taquari (Univates), Lajeado, RS, Brasil.

## Introdução

Para contextualizar sua investigação sobre o inquietante [*das Unheimliche*] é sabido que Freud se apoiou na análise de exemplos contidos em textos literários.<sup>2</sup> Por mais que o esforço de Freud não tenha se dado no sentido de consagrar a literatura como refúgio para a psicanálise, há de se considerar, no entanto, que em 1919 – quando o ensaio *Das Unheimliche* veio a público – ele já costumava recorrer com frequência à literatura para fundamentar suas reflexões.

De formação intelectual consistente, Freud não via necessidade de construir um discurso edificante a respeito da literatura. Mesmo que muitas vezes ele seja situado culturalmente como conservador, nada o impedia de buscar subsídios na literatura para a ilustração de seus conceitos; e, em especial, faz isso para produzir uma investigação semântica desse termo que se tornaria muito próprio da psicanálise: *Unheimliche*. Tudo indica, portanto, que essa relação com a literatura lhe fosse muito natural, não havendo, portanto, necessidade de ele justificar-se intelectualmente.

Por outro lado, não há genialidade que não ultrapasse certos formatos característicos de seu tempo. Com Freud não foi diferente, pois ele não tinha pudores para buscar, nas mais variadas fontes, as aproximações adequadas para promover suas ideias. Todo gênio tem sua época como obstáculo, na medida em que sofre o risco óbvio de não ser compreendido, sendo, por consequência, mal interpretado. Em algum nível essa injustiça aconteceu com Freud, mas, ao que parece, ele foi suficientemente perspicaz ao apresentar o frescor de suas ideias à comunidade científica e ao público leigo. Contudo, embora nem todos os gênios da história do pensamento e das artes tenham demonstrado destreza para sincronizar suas ideias à visão de sua época não será isso que fará de Freud um cúmplice de seu tempo, desabonando a grandeza de seu trabalho e seu potencial para mitigar determinados sofrimentos hodiernos.

Guiado pela urgência característica da medi-

cina e como médico sempre atento ao detalhe, Freud se credencia na análise filológica para traduzir determinada dimensão humana implícita em *Unheimliche*, que aqui será tratada como palavra-conceito, um substantivo hoje consagrado no vocabulário psicanalítico. Para além da constelação conceitual da psicanálise, tanto na língua alemã como seus possíveis equivalentes em outras línguas, a ilustração provocada por Freud sobre o sentido desse termo constitui uma das mais brilhantes reflexões a respeito da condição humana e sobre circunstâncias humanas. Mas essa empreitada assumida por Freud é extremamente complexa, pois o termo em análise não é simplesmente traduzível, visto que determinadas situações humanas – como é o caso de *Unheimliche* – são sempre temperadas por suas respectivas matrizes culturais e axiológicas.

Passo a passo, Freud demonstra a imprecisão central do termo investigado, jamais negligenciando sua dimensão aporética. Para isso, ele arrasta a linguagem até o núcleo dessa palavra e, diante disso, a razão acaba se revelando impotente, desamparando a todos nós, crentes da (e na) razão. Freud desvela não apenas a eventual ilusão que porventura poderíamos depositar na possibilidade universal da tradução, mas nos deixa a lição básica – também própria da psicanálise – de sempre nos fazer avançar um pouco mais no terreno a ser explorado. Domesticados que fomos como sujeitos cognoscentes aos modos da razão tradicional, Freud nos proporciona uma nova experiência da linguagem que torna tola qualquer espera pelo “plenamente claro”.

Ao analisar a originalidade da escrita de Freud, Paulo César de Souza nos alerta sobre um fundamento dialético nem sempre associado diretamente a Freud: “Luz e sombra se complementam e se necessitam”.<sup>3</sup> Ricardo Timm de Souza também atenta para esse ponto ao contextualizar certa inversão da investigação intelectual exercida por Freud: “o jogo de luz e sombra traduzido por essa não repugnância às zonas sombrias da interpretação (repletas na verdade de uma estranha lumi-

<sup>2</sup> Dentre eles, o texto que assume um papel central nessa investigação de Freud é o conto fantástico “O homem da areia”, de E.T.A. Hoffmann, escrito em 1815.

<sup>3</sup> SOUZA, Paulo César de. *As palavras de Freud: o vocabulário freudiano e suas versões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 274.

nosidade), esse 'vir à superfície' do inusitado [...]".<sup>4</sup>

Ainda que de forma um tanto velada e muito a seu modo, Freud aparenta estar em sintonia com a crítica filosófica ao cartesianismo. Em um primeiro nível sinaliza que o marco cartesiano das ideias claras e distintas não é tão seguro quanto parece. O que seria o segundo nível dessa crítica subjacente tem a ver com outra dimensão também pouco associada a Freud e que ele, por vezes, parece não fazer questão de se ver identificado: a estética. Mas, ressalte-se: essa aparência é uma falsa impressão e, talvez, uma estratégia.

Se há a possibilidade de enxergarmos dialética em Freud, também há um caminho que conduz à compreensão da estética como dimensão recalcada do poder cognitivo. O corpo esquecido é, por excelência, o campo da psicanálise, embora isso seja dito ao longo de um lento percurso de contextualizações fragmentadas. Também a filosofia do século XX se apropria desse tema de modo mais conceitual e direto, mas sem desperdiçar uma sutil sintonia com as ideias de Freud. Por exemplo, na análise das abordagens de Merleau-Ponty, Marilena Chaui abre a janela por onde deve entrar essa compreensão filosófica e psicanalítica:

A tradição filosófica moderna, inaugurada com a obra de Descartes, institui a filosofia da consciência ou reflexiva. Nela, o corpo é concebido como pura exterioridade de partes isoláveis, máquina desprovida de interior; e a alma, como pura interioridade presente a si mesma. Eis porque, escreve Merleau-Ponty, acredita-se que há dois e somente dois sentidos para a palavra existir: existe-se como coisa ou como consciência.<sup>5</sup>

Podemos tomar a orientação de Merleau-Ponty sobre o sentido da palavra "existir" como uma pista para a compreensão da psicanálise. Em que condições *Unheimliche existe* no paradigma tradicional do pensar? É coisa ou consciência? Essa questão central conduz a tematização que o presente artigo pretende ilustrar a respeito do alcance do conhecimento. Tal tema, por sua vez, ajuda-nos a melhor entender outro problema que

não é secundário: por que Freud, em *Das Unheimliche*, apoia-se na estética de modo indireto e, por vezes, inconfesso?

## 1 Uma vaga sensação

Em seu percurso original, a psicanálise, de modo muito discreto, arquiteta um outro movimento na história do conhecimento. Esse outro movimento, no qual a psicanálise não se debruça diretamente, diz respeito ao preço que pagamos pela "domesticação" do nosso potencial racional. A estética é o registro recalcado de que nossos sentidos foram implacavelmente marginalizados pela filosofia moderna. Novamente a estética pode ser beneficiada na medida em que a psicanálise, como movimento pós-cartesiano, permite que o corpo venha a ser – talvez pela primeira vez na cultura ocidental – um terreno baldio para o pensamento.

Mas isso que se inaugura no início do século XX é, sobretudo, um exercício filológico. Por que isso se dá de tal modo e o que tem a ver com a psicanálise? Em suas "Conferências introdutórias à psicanálise" (1916-1917), Freud demonstra, de modo bastante didático, certa virada na postura profissional do médico. Tal virada se põe como desafio até nossos dias. Ela tem a ver com o contexto traumático da I Guerra Mundial. Como será dito por Foucault algumas décadas depois, a medicina moderna aprimorou o potencial sensível do olhar.<sup>6</sup> Contudo, Freud já havia observado que o potencial do olhar talvez não fosse suficiente para a realidade imposta. "Nas aulas de medicina, os senhores se acostumam a *ver*."<sup>7</sup> Segundo Freud, para aprender a psicanálise, o médico tem de aprender a dominar um outro campo: o da palavra:

No tratamento psicanalítico não ocorrem senão trocas de palavras entre o analisado e o médico. [...] O médico ouve com atenção, busca dirigir o curso dos pensamentos do paciente, instiga-o, compele sua atenção para determinadas direções, dá-lhe explicações e observa as reações de compreensão ou repúdio que, desse modo, desperta no doente.<sup>8</sup>

<sup>4</sup> SOUZA, Ricardo Timm de. *Ética do escrever: Kafka, Derrida e a Literatura como crítica da violência*. Porto Alegre: Zouk, 2018. p. 218.

<sup>5</sup> CHAUI, Marilena. Merleau-Ponty: o que as artes ensinam à filosofia. In: HADDOCK-LOBO, Rafael (org.). *Os filósofos e a arte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010. p. 267.

<sup>6</sup> Cf. FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. 6. ed. Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense, 2004.

<sup>7</sup> FREUD, Sigmund. *Obras Completas*. Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia da Letras, 2014, v. 13, p. 21.

<sup>8</sup> FREUD, 2014, v. 13, p. 22.

Ao contextualizar a psicanálise, Freud prestigia o valor da palavra e ressalta o quanto é difícil constituir credibilidade profissional ao trabalho do psicanalista uma vez que o senso comum não confia na palavra como parte do processo curativo, pois, como ele observa, "as pessoas têm certeza de que os doentes 'apenas imaginam' seus sintomas".<sup>9</sup> Contudo, Freud insiste na palavra, e, adiante, tratada como simples palavra, *Umheimliche* se torna um beco sem saída. A consciência dessa aparente contradição científica ele expressa também ao afirmar que "em sua origem, as palavras eram magia, e ainda hoje a palavra conserva muito de seu velho poder mágico".<sup>10</sup>

Em função disso, para lidar com *Umheimliche* do modo mais integral possível, Freud aplica-se na análise filológica de determinada dimensão humana. Esse esforço lembra, como método, o modo pelo qual Nietzsche se insere na história do pensamento. O desvelamento das motivações concretas do poder promovido por Nietzsche expõe o que há de recalcado nas narrativas morais que predominaram no mundo ocidental. Na medida em que o empenho genealógico de Nietzsche é aceito como técnica de linguagem seu resultado objetivo não poderia ser outro que o desmascaramento da moral, a qual resta então como jogo pálido de inversão de sentidos para uma série de disposições da potencialidade humana. Devemos lembrar que em Nietzsche não há nenhum preconceito com o poder mágico e inclusive mítico das palavras, que são inclusive agregados à sua retórica.

Freud, por sua vez, ao tentar resgatar as origens que explicariam a inquietação tem de lidar com certas imprecisões, pois a inquietação como experiência humana se manifesta, muitas vezes, na condição de vaga sensação.<sup>11</sup> Ele não descarta o poder mágico, mas lida de modo contido com esse poder, pois a psicanálise nada tem de retórica e não pode ter, pois lida de forma medicinal com a palavra.

Assim, enquanto Nietzsche demonstrava, através da análise da linguagem, que determinados conceitos assumiram culturalmente um sentido unívoco sepultando sentidos diversos (oposições e intensidades) que outrora os constituíam,<sup>12</sup> Freud – atuando como exímio linguista<sup>13</sup> – não esgota a relevância das ambivalências existentes no complexo sentido de *Umheimliche*. Para Freud, as ambivalências não se extinguem, pois faz parte do jogo cultural reconsiderá-las. É claro que a interpretação como reduto das reconsiderações, pela lógica das perspectivas, é também um ponto alto em Nietzsche. Contudo, sua percepção é de que a cultura europeia estaria em um estágio tão avançado de decadência que isso a tornaria incapaz de acolher qualquer jogo de reconsiderações. No discurso nietzschiano esse jogo somente encontraria refúgio na extemporaneidade com a idealização de um ser humano cuja potencialidade estaria para além do posto (*Übermensch*). Nietzsche esculpiu a si mesmo como pensador para a posteridade; Freud, bem mais moderado, dirigia-se a seus contemporâneos.

Como leitores, podemos alinhar essa diferença entre os dois pensadores ao atentarmos para a elegância da prosa de Freud em comparação com os rompantes, muitas vezes, agressivos da escrita de Nietzsche. São estilos; e a cultura recebe os estilos em momentos e intensidades distintos. Essa é uma clareza que ambos tinham como escritores, mesmo que em molduras diferentes: o tempo da música inspirava um e a urgência da medicina guiava o outro. Claro, não se deve esquecer que músicos e médicos vivem para o detalhe. Referindo-se a Freud, há um ponto importante a se considerar ao lembrarmos que: "A sua prosa podia ser sintaticamente *plain*, não abstrusa, e ao mesmo tempo veicular conceitos nada *plain*."<sup>14</sup> No caso de *Umheimliche* ficará claro que, como conceito, ele não é nem um pouco *plain*.

<sup>9</sup> FREUD, 2014, v. 13, p. 22.

<sup>10</sup> FREUD, 2014, v. 13, p. 22.

<sup>11</sup> Cf. FREUD, Sigmund. O inquietante. In: FREUD, S. *Obras Completas*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia da Letras, 2010, v. 14, p. 340.

<sup>12</sup> Cf. NIETZSCHE, Friedrich W. *Genealogia da moral*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

<sup>13</sup> A esse respeito, Pierre Cotet, um dos responsáveis pela nova edição francesa de Freud, elenca diversos estilos presentes na escrita de Freud, destacando que em *Das Unheimliche* se pode encontrar o Freud linguista. Cf. SOUZA, 2010, p. 26-27.

<sup>14</sup> SOUZA, 2010, p. 272. Souza complementa que: "o adjetivo *plain* tem vários sentidos ou nuances: 'plano, comum, liso, livre, evidente, sincero, simples, comum, desafetado, banal' etc." (Idem).

Em Nietzsche e Freud há uma potencialidade racional incontestável que chega a desafiar os portais da consciência. Aqui apenas se dirá mais uma vez que são pensadores considerados mestres na arte de desfazer as ilusões da consciência. Mas quem ampara os desiludidos? Não sabemos, e esse talvez seja justamente o legado desses pensadores do mundo secularizado.

Uma vez que o método freudiano assume a tarefa de desfazer a ilusão (do plenamente claro) ele acaba traindo a razão em seu momento decisivo. Por conta disso resta impossível catalogá-lo na esteira do positivismo. Uma explicação mais simples consistiria em dizer que o positivismo trabalha na manutenção da ilusão combatida por Freud, portanto no seu completo oposto. Mas julgo que essa explicação é insuficiente, pois o freudismo (se assim podemos chamá-lo) vai além por ser capaz de demonstrar que a linguagem contém pontos originalmente inacessíveis para a razão pensada tradicionalmente como estrutura apoteótica. Com essa verdade nenhum positivista consegue conviver, pois, por uma questão estrutural, é justamente a apoteose que tematiza o horizonte cognitivo do positivismo. Refiro-me aqui à estrutura no sentido adotado por Bauman:

Falamos de estrutura sempre que nos deparamos com um espaço dentro do qual as probabilidades não são distribuídas aleatoriamente: alguns eventos são mais prováveis de acontecer que outros. É nesse sentido que o habitat humano é "estruturado": uma ilha de regularidade num mar de coisas aleatórias.<sup>15</sup>

Embora Freud também buscasse oferecer certa estrutura a respeito da subjetividade – o que subentende, de algum modo, a pretensão científica de torná-la previsível – não se pode excluir de sua genialidade a dimensão exploratória da "aventura responsável" que representa dissertar sobre o inconsciente. O ensaio sobre o inquietante, em especial, é um dos momentos em que Freud flerta com essa dimensão sem abandonar por completo sua fidelidade à tradição científica. A respeito das pistas desse impasse de Freud, ao longo deste artigo esse quadro paradoxal ficará como pano

de fundo para contextualizar certas abordagens, na medida em que por vezes Freud parece não se desvencilhar completamente da tradição cientificista. No fundo, isso não é problema, pois é uma das lições da psicanálise o fato de que nunca abandonamos nada por completo; de que nunca nos desvencilhamos completamente de nada que constitui a história de nossa singularidade.

Como historicamente a filosofia não conseguiu fechar por completo seus olhos para a psicanálise, minhas preocupações aqui serão filosóficas. Muitos foram os modos pelos quais a psicanálise foi recebida pela filosofia. É claro que o acolhimento do discurso psicanalítico, como Outro para a filosofia, é um processo ainda em evolução. No entanto, como ponto positivo nessa relação, imagino que a fase de medo do Outro já tenha sido superada. Neste artigo tentarei me concentrar na recepção da psicanálise pela Teoria Crítica, com algumas pinceladas mais marcantes em Adorno.

Ilude-se mais uma vez quem acredita que uma recepção crítica possa ser amistosa, na medida em que nos contentaríamos em dizer que certo filósofo "gosta" da psicanálise. No caso específico de Adorno, essa recepção pode ter sido inevitável e inadiável – até mesmo oportuna –, mas jamais amistosa. Justamente assim é a dialética que nos interessa: sem relações mornas; sem indulgências e idolatrias.

O que desenvolverei de modo mais central neste artigo requer um retorno à observação inicial sobre a abordagem freudiana do inquietante: o apoio na literatura para construir um determinado contexto. De algum modo, o esforço aqui é no sentido de entender contextos, pois como observado por Souza: "Lendo sua prosa [de Freud], vê-se que os sentidos emergem naturalmente dos contextos"<sup>16</sup>.

No primeiro parágrafo desse seu ensaio, Freud faz algumas advertências que, sem nenhum trocadilho, buscam causar certa inquietação. Como provocação, tentarei explorar nos tópicos que seguem os motivos dessa minha estranheza, por meio de um exercício filosófico que talvez possa

<sup>15</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Tradução: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 243.

<sup>16</sup> SOUZA, 2010, p. 10.

ser também considerado metalinguístico. De tal modo, siga aqui a seguinte pista de Souza:

O exemplo mais notório de metalinguagem, no conjunto dos textos de Freud, está no ensaio "O inquietante" ("Das Unheimliche"), de 1919, que parte de uma discussão filológica do termo alemão e sua complexa afinidade com *heimlich* (originalmente antônimo, derivado de *Heim*, "lar", *home*, em inglês, mas atualmente significando "secreto, oculto").<sup>17</sup>

## 2 A abordagem estética e suas hesitações

Gostaria inicialmente de tecer uma observação preliminar na tentativa de ser o mais justo possível com o escritor Freud. Vários são os momentos de sua prosa nos quais ele procura tratar o leitor com deferência. Souza destaca que "ele inspira confiança no leitor-interlocutor, ao tempo em que o torna um confidente de suas dúvidas e hesitações".<sup>18</sup> Uma das razões para essa característica do seu estilo tem diretamente a ver com a natureza da psicanálise, na medida em que ela vive na condição de movimento em constante construção, como discurso novo, portanto, ainda não estabelecido.<sup>19</sup> Seguindo na análise do estilo, Souza complementa que "o texto de Freud está sempre se movendo entre 'níveis de certeza'. O autor como que sinaliza o grau de segurança em que pisa".<sup>20</sup> Podemos chamar essa providência de cuidado, cautela, precaução, zelo, enfim, virtudes de médico. O que importa aqui é verificar até que ponto o texto *Das Unheimliche* estaria inserido nesse contexto. E, em função disso, como esse movimento de Freud entre "níveis de certeza" lhe garante seu próprio legado, sua, por assim dizer, marca epistemológica. Afinal, pela novidade que representa e pela desconfiança que a ataca naquele momento, a psicanálise, como nova ciência, requer estratégias que lhe assegurem difusão.

Vejamos: Freud inicia suas reflexões sobre o

inquietante praticamente pedindo licença para falar a partir de temas estéticos, justificando que "é raro o psicanalista sentir-se inclinado a investigações estéticas".<sup>21</sup> Ele deixa claro ao seu leitor que sua compreensão de estética se situa como "teoria das qualidades de nosso sentir",<sup>22</sup> e aqui vale lembrar a preocupação de Freud (mencionada anteriormente) com o desafio sensível colocado à medicina de ultrapassar o paradigma *ver-olhar* para *ouvir-escutar*.

Poderíamos nos perguntar se a compreensão corrente de estética em 1919 teria níveis divergentes da pretendida por Freud. No entanto, é possível afirmar que a noção de estética a que Freud se refere – pelo menos em termos funcionais – coincide inclusive com abordagens filosóficas mais introdutórias da atualidade, em que a estética se situa para além da teoria do belo. Ela seria construída sob o pressuposto antropológico de que "o ser humano não é apenas razão, é também afetividade".<sup>23</sup> Como define Aranha para fins didáticos:

A palavra *estética*, na sua origem etimológica (do grego *aisthesis*), nos remete aos significados "faculdade de sentir", "compreensão pelos sentidos", "percepção totalizante". Assim, diferente da ciência e do senso comum, que apreendem o objeto pela razão, a arte é uma forma de conhecimento que organiza o mundo por meio do sentimento, da intuição e da imaginação.<sup>24</sup>

Sabe-se que esse retorno à origem etimológica grega para a compreensão da estética como teoria da sensibilidade está entre as preocupações de pensadores de uma época que não poderia deixar de integrar a formação de Freud. A saber, Herder, como sinalizado por Werle:

Em termos gerais, o objetivo principal de Herder foi o de ampliar e estender o horizonte e a tarefa da estética na direção de uma antropologia, de uma psicologia e de uma filosofia da linguagem, de modo que sua con-

<sup>17</sup> SOUZA, 2010, p. 38.

<sup>18</sup> SOUZA, 2010, p. 32.

<sup>19</sup> Em 1930, ao escrever o prefácio para a edição hebraica de suas *Conferências introdutórias à psicanálise*, Freud fez uma retrospectiva sobre sua preocupação de apresentar a psicanálise à comunidade científica como "jovem ciência" (entre 1916 e 1917). Cf. FREUD, Sigmund. *Obras Completas*. Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia da Letras, 2014. v. 13.

<sup>20</sup> SOUZA, 2010, p. 34.

<sup>21</sup> FREUD, 2010, p. 329.

<sup>22</sup> FREUD, 2010, p. 239.

<sup>23</sup> ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *Filosofia da educação*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2013. p. 183.

<sup>24</sup> ARANHA, 2013, p. 182-183.

tribuição principal reside na *problematização da estética como tal*, a partir de uma teoria da expressão. A estética deveria corresponder à sua etimologia, que remete ao termo grego *aisthesis* e se apresentar de modo pleno como "filosofia das sensações sensíveis" [expressão de Herder]. Essa preocupação com a estética é acompanhada por uma outra preocupação marcante da época, que diz respeito à determinação das diferentes ordens do discurso, seja ele crítico ou filosófico, seja ele produtivo ou relacionado à fruição artística ou poética.<sup>25</sup>

Essa compreensão antropológica do sentido filosófico da estética considera o esforço de abordar o ser humano em sua totalidade. Entenda-se aqui totalidade como abertura de sentido a perspectivas corriqueiramente marginalizadas na história da razão. Entenda-se ainda que a tradição científica se confunde com a pretensão humana de classificar a racionalidade como puramente intelectual, perpetuando em seus discursos a marginalização da abordagem estética como fonte de saber. Evidentemente, a estética, como ramo filosófico, é forçada a se dissociar dos planos teóricos do conhecimento. Insubordinada, ela corre de modo paralelo à epistemologia e à teoria do conhecimento, por exemplo. Mas, naturalmente, não deixa de existir e de ser teorizada. Está claro que existe uma história da estética, contudo, pode-se dizer que ela está impressa no lado B dos grandes discursos, sendo eventualmente ouvida e raramente escutada.

De vários modos Freud está inserido no contexto dos grandes discursos da razão, e o próprio freudismo – em seus diferentes matizes – muitas vezes é considerado cativo dessa tradição. Porém, em termos estéticos, a fidelidade de Freud com a tradição é um tanto contraditória. A esse respeito observa Eagleton:

O ideal estético tradicional é o da unidade do espírito e dos sentidos, da razão e da espontaneidade. O corpo [...] deve ser judiciosamente reinserido num discurso racional que pode des-  
cambiar para o despotismo; mas essa operação deve ser realizada com o mínimo de ruptura com aquele discurso. Para esta teoria estética

convencional, Freud é uma péssima notícia. Pois a sua lição é a de que o corpo nunca está à vontade dentro da linguagem, nunca se recuperará inteiramente de sua inserção traumática nela, escapando, sempre na sua inteireza, da marca do significante.<sup>26</sup>

Sem contradizer diretamente a abordagem estética convencional da época – tolerada pelos discursos da razão – Freud prefere considerar que explorar a dimensão estética não é fenômeno pacífico para a experiência humana. "O estético pode ser [...] pura imaginação consoladora, mas é também o detonador de desgraças profundas que desmascaram o sujeito humano como fissurado e inacabado",<sup>27</sup> complementa Eagleton a respeito de Freud. Isso, por si só, já nos coloca dois níveis para a estética em Freud. O primeiro se refere mais à admiração ingênua,<sup>28</sup> que oferece ao ser humano um horizonte mais amplo de contato. O segundo já problematiza a hipótese de um sujeito imerso e realizado na experiência estética, muito próxima do ideal nietzschiano.

De modo contrário a Nietzsche, Freud não confia na possibilidade de um sujeito esteticamente potente e viril, reconciliado com uma linguagem afirmativa capaz de reinseri-lo tragicamente à natureza. Embora essa proposta nietzschiana tenha sido bem recebida, em especial por parte da filosofia francesa, para Freud um homem estético ideal a ser construído talvez não passe de uma farsa. Se o ser humano der conta de contextualizar as fraturas que o constituem como sujeito já representaria um grande progresso na visão de Freud. Enquanto o sujeito nietzschiano quer um corpo em constante expansão para novas experiências de poder, a psicanálise ajuda parcimoniosamente a montar o quebra-cabeça do que tem sido a fragilidade do sujeito e nada tem (pelo menos objetivamente) a prometer sobre o futuro da *performance* desse sujeito. Em sintonia com o discurso psicanalítico está uma estética frustrante. Mas ela está lá de modo

<sup>25</sup> WERLE, Marco Aurélio. A contribuição de Herder para a fundamentação da estética. *Viso: Cadernos de estética aplicada*, v. XII, n. 23, p. 76-93, jul./dez. 2018. p. 79.

<sup>26</sup> EAGLETON, Terry. *A ideologia da estética*. Tradução: Mauro Sá Rego Costa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993. p. 194.

<sup>27</sup> EAGLETON, 1993, p. 193.

<sup>28</sup> Sobre a admiração ingênua como conceito. Cf. BORNHEIM, Gerd Alberto. *Introdução ao filosofar: o pensamento filosófico em bases existenciais*. 11. ed. São Paulo: Globo, 2003. p. 37-53.

fundamental, embora praticamente inaudito. Repousa sem alarde e, como se fosse uma fábula: seu segredo é também sua razão de ser. Aqui é necessária até mesmo uma digressão ao sentido de *Unheimliche* que joga dialeticamente com o secreto, o segredo, o íntimo e o familiar, pois o inquietante (em tese um contraponto a esses adjetivos) preserva esse reduto. É um movimento dialético de compreensão, pois nega e constitui.

A orientação de pensar Freud em seus níveis nos ajuda a entender o lugar intelectual no qual seu discurso se instala. Nesse sentido, convém a Freud lançar um alerta ao seu leitor: "Ele [o psicanalista] trabalha em outras camadas da vida psíquica, e pouco lida com as emoções atenuadas, inibidas quanto à meta, dependentes de muitos fatores concomitantes, que geralmente constituem o material da estética".<sup>29</sup> Freud sinaliza, portanto, que está entrando em uma senda que o psicanalista não costuma trilhar. Nesse ponto ele parece suspender justamente a compreensão de que "o inconsciente trabalha com uma espécie de lógica 'estética', condensando e deslocando suas imagens com o oportunismo astucioso de um *bricoleur* artístico".<sup>30</sup> Embora a psicanálise acolha radicalmente mitos, simbolismos e, especialmente, o sonho na sua lógica própria, Freud aparenta não considerar que esses são "materiais estéticos". Como tradicionalmente a razão não pensa duas vezes quando se trata de abortar a fantasia de seus discursos protocolares, é muito provável que Freud estivesse naquele momento agindo com cautela em nome da adesão que a psicanálise necessitaria no âmbito científico. Em outras palavras, Freud pressentia o perigo de a psicanálise ser vista como habitante do terreno maldito da estética. Mas, por outro lado, ele não podia abrir mão dos signos e significantes compartilhados com a estética, pois são esses que constituem a possibilidade de linguagem à psicanálise ao fazer com que a palavra venha à tona.

A partir dessa observação, a análise do inquietante é marcada por uma hesitação de Freud entre a razão

e a fantasia. De modo embaraçado, ele tenta explicar que vai ingressar em nessa zona periférica da produção do conhecimento: "Pode ocorrer, no entanto, que ele [o psicanalista] venha a interessar-se por um âmbito particular da estética, e então este será, provavelmente, um âmbito marginal, negligenciado pela literatura especializada na matéria".<sup>31</sup>

Embora Freud pareça não ter preconceitos em lidar com "materiais estéticos" para constituir suas argumentações, acaba demonstrando o pudor intelectual característico do distanciamento recomendado entre pesquisador e objeto de pesquisa. Mas é tudo intencional nesse grande prosador, pois ele não renuncia à certa contemporização, na medida em que, como ressalta Rouanet, enquanto "cúmplice involuntária da repressão externa e da ditadura Iluminista do Existente, a psicanálise hesita em levar a sua lógica às últimas consequências".<sup>32</sup>

Freud era o primeiro a ter ciência de que a psicanálise ainda era um hiato na história do conhecimento. Porém não podia verbalizar essa verdade, pois não tinha como prescindir do prestígio científico necessário para garantir seu legado, considerando que sua produção é dirigida a uma comunidade ainda tradicional. Por isso a relação da psicanálise com a estética é enrustida, somente assumida parcialmente na condição de evento marginal, disfarçando a exploração da sensibilidade como domínio da linguagem. O grande segredo é que a palavra para o psicanalista equivale à precisão técnica exigida pela obra de arte. No entanto, nada pode ser manipulado, *apenas* virtuosamente conduzido. E o que é originalmente falso para a tradição científica recebe a oportunidade de se revestir de dignidade.

### 3 A filosofia e seus inquietantes

Para leitores da filosofia contemporânea todo esse jogo de relações é muito estranho, pois passou o tempo em que a filosofia precisava se explicar ao mundo intelectual. Aliás, muitas vezes, apoiada no argumento da antiguidade, a

<sup>29</sup> FREUD, 2010, p. 239.

<sup>30</sup> EAGLETON, 1993, p. 192.

<sup>31</sup> FREUD, 2010, p. 239.

<sup>32</sup> ROUANET, Sérgio Paulo. *Teoria Crítica e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001. p. 88.



filosofia se mostra imperturbável, o que psicanaliticamente não seria nada bom. Tamanho pudor causa estranhamento, especialmente quando se é iniciado em pensadores da Teoria Crítica, tais como Benjamin e Adorno, os quais enxergam o âmbito marginal da estética como fonte vitalizante de reflexões a serem potencializadas. Para esses pensadores tais fontes não representam um motivo ou transversalidade para o pensamento, pois elas são, antes disso, a chance mesma do pensamento, sua promessa sensível. É difícil imaginar tais filósofos, em sua crítica do tempo, sem a análise do *pathos* expresso através de estéticas que testemunham a degradação da experiência humana contidas em Walser, Kafka, Beckett etc. Por isso, jamais se justificam a respeito dessa abordagem. Muito pelo contrário, há um compromisso ético não apenas sobre como a literatura provoca a faculdade humana de sentir, mas também como as fábulas e os contos infantis dão acesso a um corolário de sentido antropológico e filosófico. Como observado por Souza a respeito da filosofia praticada pela Teoria Crítica:

É, ainda, talvez por *primeiro* na história do pensamento ocidental (falamos aqui do pensamento inteiramente 'profano', não creditário de nenhum tipo de pressupostos religiosos) que intelectuais tomam nitida e irrecorrivelmente o partido do pequeno e do fraco, do *extra-sistemático* como tal, e que vale e chama exatamente dessa forma, e não enquanto elemento a ser compreendido por uma Totalidade de sentido, por uma espécie de polarização em torno a um 'eu' cujo conteúdo é dado por sua capacidade de 'fornecer' sentido ao que não é ele mesmo.<sup>33</sup>

Esse contraste que aqui está sendo apresentado não tem por meta provocar uma disputa entre Freud e a Teoria Crítica. O interesse é demonstrar que se costumou ler um Freud que idealiza a psicanálise a partir do acordo cartesiano de um "eu" que existe porque pensa e dentro da fronteira kantiana de um "eu" que projeta sentido à realidade. A Teoria Crítica, por sua vez,

perturba esse acordo e tumultua essa fronteira, pois convive com a contradição que as classes dominantes detestam. Há um Freud e uma psicanálise esculpidos pelos hipócritas, que, aliás, de tudo se apropriam. Mas a Teoria Crítica, por sua vez, promove sua peculiar modalidade de subversão poluindo a atmosfera epistemológica com a intrusão do pequeno, do fraco e, sobretudo, do que não se deixa domesticar pela força sistêmica, em sintonia com a contextualização dada por Schweppenhäuser:

na *Minima moralia*, ele [Adorno] chamou a atenção para a relação interna entre moral e repressão e defendeu a tese de que as normas e os princípios morais, da Antiguidade até os dias de hoje, foram duplicações teóricas da dominação social e que, na totalidade falsa, que é um desdobramento da sociedade capitalista, não pode haver uma vida reta.<sup>34</sup>

Enquanto para a Teoria Crítica, em termos metodológicos, a estética é sempre uma credencial e nunca um recurso, por outro lado são fortes as pistas de que Freud, no seu esforço para estabelecer um discurso próprio, produz algumas armadilhas para si mesmo. Nesse sentido, reitera Rouanet: "Freud tinha razão, quando não tinha razão, diz Adorno".<sup>35</sup> No fim das contas, o entendimento é de que a tópica freudiana (Id, Superego e Ego) é edificada e hipostasiada nos limites filosóficos do acordo e da fronteira.<sup>36</sup> Essa imposição de Freud, pela forma como é estruturada, acaba por negligenciar o sujeito como consequência de uma sociedade historicamente injusta. Em decorrência disso, por se tratar de um problema que a psicanálise não consegue tematizar – ao menos sem a ajuda da filosofia –, ela simplesmente naturaliza uma existência opaca ainda que a despeito de toda e qualquer influência iluminista. Sobre isso Rouanet adverte que "qualquer reflexão sobre o Superego, como disse Ferenczi, é metapsicológica"<sup>37</sup>; complementando com a observação adorniana contida na *Dialética negativa*:

<sup>33</sup> SOUZA, Ricardo Timm de. *Totalidade e desagregação: sobre as fronteiras do pensamento e suas alternativas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, p. 37-38.

<sup>34</sup> SCHWEPPENHÄUSER, Gerhard. A filosofia moral negativa de Theodor W. Adorno. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 24, n. 83, p. 391-415, ago. 2003, p. 392.

<sup>35</sup> ROUANET, 2001, p. 86.

<sup>36</sup> Cf. ROUANET, 2001.

<sup>37</sup> ROUANET, 2001, p. 89.

A crítica do Superego tem que converter-se na crítica da sociedade que produz o Superego. Se ela se abstém de tal crítica, dobra-se à norma social vigente... Defender o Superego alegando sua utilidade ou inevitabilidade... equivale a repetir e reforçar as irracionalidades que a psicanálise se propôs remover.<sup>38</sup>

A crítica que Adorno promove contra Freud é produzida a partir de Kant, como bem observa Schweppenhäuser ao afirmar que "o conteúdo de verdade, crítico e antecipador, de uma filosofia moral racionalmente estabelecida não pode ser atribuído à subjetividade, sempre danificada, da 'personalidade empírica'"<sup>39</sup>. O que aparentemente seria uma ambivalência, na verdade é uma expressão da vida danificada, cujas condições concretas não permitem a autonomia do sujeito. Por isso, Adorno evidentemente concorda com o ideal de autonomia, mas não vê subsídios que o realizem dialeticamente, na medida em que não há no horizonte uma prestação de contas com a moralidade burguesa da qual o sujeito kantiano é franco signatário. Se o sujeito autônomo perdeu sua realização histórica, não seria diferente com a estrutura racional elaborada por Freud para tematizar a subjetividade.

Enquanto a intrusão dos humilhados sistêmicos é para a Teoria Crítica – e em especial para Adorno – um evento inevitável na construção crítica da realidade, para Freud há um percurso truculento a ser trilhado.

### Considerações finais

Sabe-se da relevância das pequenas coisas na elaboração crítica da realidade. Sabe-se também que a psicanálise não as nega, dando-lhes uma tematização enviesada. Os detalhes contidos na inquietação não demandam decifração. No entanto, há o inquietante das vivências, incorporando e abrangendo coisas que não acontecem no mero vivenciar. As pequenas coisas, que receberam dignidade em pensadores como Benjamin e Adorno, não contradizem a psicanálise, pois incorporam o sentido necessário ao desafio estético

do mundo contemporâneo, particularmente confuso na sua expressão.

Por ter de lidar com conceitos auxiliares, Freud observou que há certa estranheza na psicanálise.<sup>40</sup> Quão estranhas não foram também as literaturas de Walser e Kafka, com seus personagens ajudantes? Há um fenômeno estético na aproximação e no distanciamento entre o familiar e o secreto que compõem o sentido de *Unheimliche*. Em função disso, há uma construção criativa de Freud se entendermos o papel auxiliar do inquietante no desafio psicanalítico de "tentar educar o desejo do paciente".<sup>41</sup> Mas quem é o psicanalista, essa "nova autoridade" que não pode replicar os mesmos vícios de tantas outras autoridades consagradas?

Para o filósofo e para o artista, essa questão ética não se coloca na mesma gravidade. A psicanálise talvez pague elevado tributo por pertencer ao âmbito sério da saúde, tendo de, por isso, falsificar sua dimensão criativa, fantasiosa e, sobretudo, onírica. Ao abordar o inquietante, Freud sinaliza, de modo muito sutil, que as patologias sociais que se instalam no século XX não poderão mais ser combatidas simplesmente pautadas no reduto da seriedade científica. Aliás, uma filosofia como a da Teoria Crítica, identifica justamente nesse tipo de seriedade (falsa, porque fria) uma das verdadeiras causas de tais doenças.

### Referências

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *Filosofia da educação*. 3.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Moderna, 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Tradução: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BORNHEIM, Gerd Alberto. *Introdução ao filosofar: o pensamento filosófico em bases existenciais*. 11.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Globo, 2003.
- CHAUI, Marilena. Merleau-Ponty: o que as artes ensinam à filosofia. In: HADDOCK-LOBO, Rafael (org.). *Os filósofos e a arte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010, p. 267-287.
- EAGLETON, Terry. *A ideologia da estética*. Tradução: Mauro Sá Rego Costa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

<sup>38</sup> ADORNO apud ROUANET, 2001, p. 89.

<sup>39</sup> SCHWEPPENHÄUSER, 2003, p. 406.

<sup>40</sup> Cf. FREUD, 2014, p. 21.

<sup>41</sup> EAGLETON, 1993, p. 205.

FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. 6. ed. Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense, 2004.

FREUD, Sigmund. *Obras Completas*, v. 13. Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia da Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. O inquietante. In: FREUD, S. *Obras Completas*, v. 14. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia da Letras, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Genealogia da moral*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ROUANET, Sérgio Paulo. *Teoria Crítica e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.

SCHWEPPEHÄUSER, Gerhard. A filosofia moral negativa de Theodor W. Adorno. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 24, n. 83, p. 391-415, ago. 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302003000200004>

SOUZA, Ricardo Timm de. Ética do escrever: Kafka, Derrida e a Literatura como crítica da violência. Porto Alegre: Zouk, 2018, p. 218.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Totalidade e desagregação: sobre as fronteiras do pensamento e suas alternativas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

SOUZA, Paulo César de. *As palavras de Freud: o vocabulário freudiano e suas versões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WERLE, Marco Aurélio. A contribuição de Herder para a fundamentação da estética. *Viso: Cadernos de estética aplicada*, [s. l.], v. XII, n. 23, p. 76-93, jul./dez. 2018. DOI: <https://doi.org/10.22409/1981-4062/v23i/253>

---

### Endereço para correspondência

Marcelo Leandro dos Santos  
Universidade do Vale do Taquari  
Av. Avelino Talini, 171, Prédio 2, sala 202  
Lajeado, RS, Brasil